UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Faculdade de Farmácia
Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso de Farmácia

Avaliação das atividades NTPDásicas e 5'-nucleotidase em soro de ratos submetidos à administração repetida de morfina no período neonatal

Yasmine Nonose

Porto Alegre, dezembro de 2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Faculdade de Farmácia
Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso de Farmácia

Avaliação das atividades NTPDásicas e 5'-nucleotidase em soro de ratos submetidos à administração repetida de morfina no período neonatal

Yasmine Nonose
Trabalho de Conclusão de Curso de Farmácia

Profa. Dra. Iraci Lucena da Silva Torres
Orientadora

M.Sc. Joanna Ripoll Rozisky.
Co-orientadora

Porto Alegre, dezembro de 2010

Dedico este trabalho
Aos meus pais,
Pelo apoio e compreensão
Ao meu irmão,
Pelo carinho e confiança
Aos colegas e amigos,
Pelas horas de trabalho e divertimento
Aos professores,
Pela paciência e entusiasmo
Ao Lucas,
Pelo companheirismo e incentivo
E
Aos ausentes
Pela inspiração.

Somos o que fazemos, mas somos, principalmente,

o que fazemos para mudar o que somos.

Eduardo Galeano

Agradecimentos

À minha orientadora, Profª Dra. Iraci Lucena da Silva Torres, pela aceitação em seu grupo de pesquisa e pela sugestão do trabalho. Aprendi muito com a senhora, muito obrigada.

À minha co-orientadora, M.Sc. Joanna Ripoll Rozisky, por me acompanhar em todas as etapas dos experimentos e da realização deste trabalho. Agradeço também pela paciência, amizade e preocupação.

À minha família, que sempre incentivou os meus estudos e me apoiou quando precisei, um carinhoso obrigada!

Ao meu namorado, Lucas, pelo apoio, incentivo, companheirismo e por acreditar sempre no meu potencial, muito obrigada.

Aos meus amigos, que sempre torceram por mim e me apoiaram em todas as horas. Obrigada por me acompanharem em mais esta etapa.

Aos colegas de laboratório que me ajudaram na realização dos experimentos e estavam sempre dispostos a colaborar com o progresso deste trabalho: Cléverson, Gabriela, Isabel e Vinícius. Muito obrigada pela boa vontade e pelo carinho.

Um agradecimento especial aos colegas do lab. 22 do Departamento de Bioquímica por entenderem e colaborarem com o espaço que dividíamos ao fazer enzimas.

À Profª Dra. Ana Maria Oliveira Battastini, que generosamente nos acolheu em seu laboratório para realizarmos os ensaios enzimáticos. Muito obrigada pela compreensão.

Aos funcionários do ratário e do Departamento de Farmacologia.

Agradeço especialmente o suporte financeiro das seguintes instituições: CNPq, CAPES, FAPERGS, GPPG-HCPA, PROPESQ-UFRGS.

A todos que de alguma maneira direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

Este artigo foi elaborado segundo as normas do "Journal of Pharmacological Sciences", apresentadas em anexo.

Juntamente com o artigo apresentado neste Trabalho de Conclusão de Curso, encontra-se uma breve revisão bibliográfica elaborada pela autora e que foi utilizada para fins de estudo no decorrer do semestre.

Revisão bibliográfica

Dor e neonato

Historicamente, acreditava-se que recém-nascidos (RN) não sentiam dor por apresentarem o sistema nervoso central (SNC) imaturo. No entanto, nas últimas décadas, estudos têm demonstrado que esses pacientes não somente experimentam dor e estresse da mesma maneira que crianças e adultos, mas que suas respostas à estimulação dolorosa podem comprometer sua condição clínica e fisiológica [1]. Estudos têm relatado que em bebês as estruturas límbicas são desenvolvidas em estágios iniciais, estando relacionadas com a dor durante o período neonatal [2-3] e sugerindo que a codificação central da dor é um evento precoce. A partir da 16^{a} semana ocorre conexão entre neurônio sensorial e células cuneiformes da medula espinhal na presença de substância P e de opiáceos endógenos nos gânglios destas áreas. Em 24 semanas, as conexões sinápticas do córtex estão completas, e em 30 semanas existe a mielinização, tornando as vias de dor completamente prontas para serem ativadas no tálamo, onde ocorre o processamento da dor [4-8].

Estudos prévios indicam que neonatos rotineiramente experimentam dor em procedimentos invasivos [9-10] sem receberem analgesia adequada [11-12]. A dor oriunda de procedimentos invasivos ocorre com muita freqüência durante a permanência do RN na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTI). Estes RN são expostos a mais ou menos 14 procedimentos ao dia na UTI, incluindo vacinas, coleta de exames para hemograma, hemocultura e realização de punção lombar [13]. Todos estes procedimentos são extremamente dolorosos. Além disso, a dificuldade de reconhecer e de avaliar a dor no período neonatal é um dos maiores obstáculos ao seu tratamento. Isso se associa ao fato do profissional de saúde, muitas vezes, subestimar as queixas desses pacientes, desconhecer o embasamento farmacológico da prescrição analgésica e ao temor dos riscos da terapêutica [14].

Analgesia opióide em neonato

Analgésicos opióides têm sido amplamente utilizados na tentativa de diminuir a dor, sedar e atenuar o estresse em todas as faixas etárias. O grande entrave ao uso adequado desses analgésicos é a excessiva preocupação com seus efeitos adversos [15-16]. Entretanto, seu uso vem crescendo na última década em UTIs pediátricas, principalmente devido ao avanço do conhecimento

do processo fisiopatogênico, métodos de avaliação da dor e disponibilidade de novas modalidades terapêuticas [17-19].

Anand e colaboradores [20] reforçam a hipótese de que os RN apresentam melhor prognóstico clínico quando recebem analgesia adequada. A utilização de morfina em RN foi capaz de diminuir o risco de morte e a morbidade neurológica, comparado com os RN que receberam midazolam, o qual possui propriedades sedativas, mas é destituído de efeito analgésico. Os autores acreditam que o efeito benéfico observado naqueles que receberam morfina se deva à diminuição do estresse, estabilidade da pressão e melhora da oxigenação.

Sabe-se que o sistema nervoso do RN é estrutural e funcionalmente imaturo, e que mudanças significativas nos mecanismos de analgesia opióide ocorrem antes e após o nascimento [21-23]. Estudos prévios revelam que a exposição a fármacos durante o período neonatal pode desencadear conseqüências no desenvolvimento do SNC, tais como alterações permanentes na resposta farmacológica e na sinalização celular [24-26].

Vários estudos relatam a eficácia analgésica da morfina em modelo animal neonato**.** Embora os mecanismos inibitórios não estejam completamente formados antes da 3ª semana de vida [27], a morfina tem seu efeito analgésico devido à presença dos receptores opióides desde a vida intra-uterina [28]. Entretanto, estudos têm demonstrado que a exposição à analgesia opióide nesta idade pode levar a alterações em nível de respostas comportamental, como síndrome de abstinência e ansiedade, e respostas nociceptivas alteradas em longo prazo [25-26, 29-31].

Sistema Purinérgico

O conceito de neurotransmissão purinérgica foi introduzido em 1972 [32], porém a relevância da adenosina 5'-trifosfato (ATP) extracelular como uma importante molécula sinalizadora, além de seu reconhecido papel no metabolismo energético celular, levou algum tempo para ser aceita [33]. Atualmente, a sinalização purinérgica tem sido amplamente estudada e várias funções dos nucleotídeos extracelulares foram estabelecidas, tais como neurotransmissão, contração do músculo liso, resposta imunológica, inflamação, agregação plaquetária e dor [34].

Sabe-se que o ATP é co-liberado em vias simpáticas e parassimpáticas juntamente com diversos outros neurotransmissores, tais como: acetilcolina, glutamato, norepinefrina, serotonina, ácido γ-amino butírico (GABA), neuropeptídeo Y e óxido nítrico [35-36]. O ATP pode atuar como

neurotransmissor tanto nos neurônios do sistema nervoso central como no sistema nervoso periférico [37]. Além da liberação neuronal como um transmissor ou um co-transmissor, há várias outras fontes de ATP extracelular, incluindo a liberação por células danificadas ou em processo de morte [38], ou em resposta à deformação, à hipóxia ou a substâncias que não causam danos celulares, como acetilcolina, ATP e trombina [39].

O ATP, juntamente com a adenosina 5'-difosfato (ADP), a adenosina 5'-monofosfato (AMP) e a adenosina, produtos da sua hidrólise, são importantes moléculas sinalizadoras responsáveis por promover múltiplos efeitos biológicos, tais como: neuromodulação, neurotransmissão, e proliferação e crescimento celular [39].

Os nucleotídeos extracelulares, como o ATP e ADP, e o nucleosídeo adenosina exercem seus efeitos biológicos através dos purinoreceptores, que compreendem os receptores do tipo P2, subdivididos em P2X para ATP (P2X1-7, ionotrópicos permeáveis ao Na^{+}, K^{+} e Ca^{+2}) e P2Y para nucleosídeos tri e difosfatos, como o ATP e o ADP ($P2Y_{1,\ 2,\ 4,\ 6,\ 11\text{-}14}$, acoplados a proteína-G), e os receptores do tipo P1 para adenosina (A_1, A_{2A}, A_{2B} e A_3, acoplados à proteína-G) [40] (Figura 1). Os receptores purinérgicos são amplamente distribuídos no organismo e estão presentes em diversos órgãos e tecidos, tais como: encéfalo, medula espinhal, coração, pulmão, musculatura lisa, terminais nervosos autônomos, entre outros. Além disso, diversos tipos de células expressam estes receptores, incluindo astrócitos, plaquetas, células da microglia, imunes, epiteliais e endoteliais [39].

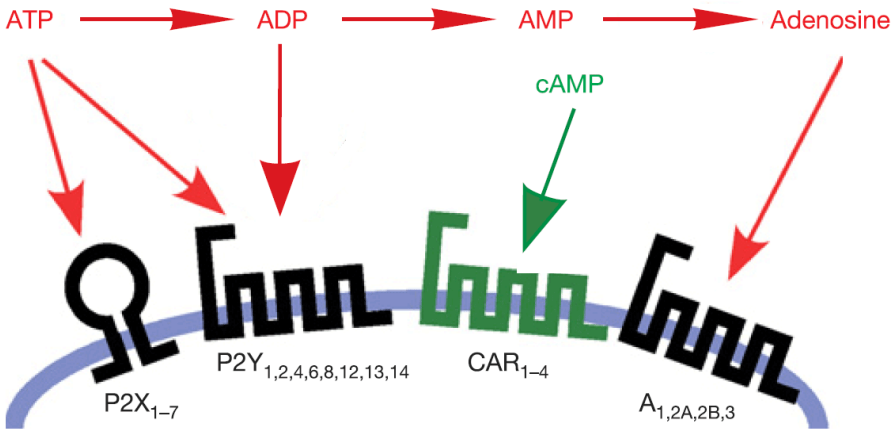


Figura 1. Receptores de nucleotídeos (receptores P2) e de adenosina (receptores P1). Adaptado de Khakh e North, 2006 [41].

Os efeitos dos nucleotídeos extracelulares na nocicepção são complexos e dependem do subtipo de receptor ativado. Sabe-se que o ATP é um neurotransmissor liberado pelos neurônios aferentes primários (NAP) na medula espinhal para atuar na sinalização central da dor [33, 42], estando envolvido em mecanismos centrais e periféricos da nocicepção. Os receptores purinérgicos P2X localizam-se em tecidos periféricos [43] e em neurônios sensoriais de pequeno diâmetro do gânglio da raiz dorsal e em terminais pré-sinápticos de NAP no corno dorsal da medula espinhal. Testes eletrofisiológicos mostram que o ATP aplicado perifericamente causa um marcado aumento na descarga dos neurônios sensoriais [42, 44] e que a ativação de receptores P2X pelo ATP provoca a liberação espontânea de glutamato. A ação nociceptiva do ATP ocorre principalmente por meio da ligação aos receptores purinérgicos A_2, P2X3 e P2X2/3, os quais estão amplamente expressos em NAP [42]. Os receptores de adenosina de subtipo A_1 estão associados a efeito modulatório na transmissão da dor em medula espinhal [45]. Agonistas A_1 parecem atuar pré-sinapticamente, inibindo a liberação de neurotransmissores, ou pós-sinapticamente, reduzindo a excitabilidade neuronal [46-48].

Estudo prévio do grupo de pesquisa demonstrou que a administração periférica de agonista de receptor A_1 e de bloqueador de transporte de adenosina (dipiridamol) desencadeia antinocicepção, enquanto que antagonista de receptor A_1 reverte este efeito [49]. Por outro lado, a atuação de adenosina em receptores A_2 aumenta a liberação de neurotransmissores excitatórios, aumentando a excitabilidade celular e promovendo um efeito pró-nociceptivo [50]. Associado a isto, um estudo relata que a administração de morfina produz liberação de adenosina e em sinaptossomas de medula espinhal envolvendo transportadores de nucleosídeo sensíveis a dipiridamol, mas insensíveis a nitrobenziltioinisina [51]. O processo de transporte do nucleosídeo (adenosina) pode ter papel na regulação dos seus níveis endógenos no SNC. A inibição de transportadores de nucleosídeo pode aumentar significativamente a concentração de adenosina extracelular, provavelmente devido à inibição da captação de adenosina resultante da hidrólise de nucleotídeos. A inibição da captação pode aumentar os níveis de adenosina na fenda sináptica e subseqüentemente aumentar a ativação de receptores extracelulares de adenosina, o que pode levar à resposta antinociceptiva via receptor A_1 [52].

Enzimas NTPDases e 5'-nucleotidase

O ATP extracelular, bem como os demais nucleotídeos de adenina e pirimidina, pode ser rapidamente hidrolisado pela ação das ecto-nucleotidases presentes na superfície celular, solúveis no meio intersticial ou nos fluidos biológicos [53]. As nucleotidases desempenham uma função essencial na sinalização purinérgica, controlando a disponibilidade e os níveis extracelulares de ATP, ADP, AMP e adenosina [54] e, consequentemente, regulando as respostas mediadas pelos purinoreceptores [55]. Assim, a defosforilação completa do ATP ocorre pela ação conjunta das enzimas denominadas "ecto-nucleotidases", que incluem as ecto-nucleosídeo-trifosfato-difosfohidrolases (NTPDases), as ecto-nucleotídeo pirofosfatase/fosfodiesterase (E-NPPs), as fosfatases alcalinas, e a 5'-nucleotidase [53].

Desta forma, a primeira etapa de degradação dos nucleotídeos (ATP e ADP) pode ser catalisada por enzimas da família das NTPDases (Figura 2). Em mamíferos, foram identificados 8 membros desta família: NTPDase1-8, as quais catalisam a primeira etapa de degradação do ATP extracelular até AMP. As NTPDases1, 2, 3 e 8 são proteínas transmembrana, localizadas na superfície da membrana plasmática celular, com o sítio catalítico voltado para o meio extracelular. A NTPDase1, enzima que hidrolisa igualmente bem o ATP e ADP com uma razão de aproximadamente 1:1, tem sido o membro mais estudado da família das NTPDases. Já a NTPDase2 apresenta clara preferência pelos nucleotídeos trifosfatados em proporção de 30:1, por esta razão também é chamada de ATPase [53]. Esta característica pode ser importante em situações patológicas e injúrias onde as células são expostas a elevadas concentrações de ATP extracelular [39]. As NTPDases3 e 8 preferem o ATP ao ADP, em proporções de 3:1 e 2:1, respectivamente. As NTPDases4, 5, 6 e 7 estão localizadas intracelularmente, ancoradas nas membranas de organelas intracelulares, com o sítio catalítico voltado para o lúmen de compartimentos [56], tais como aparelho de Golgi [57], vacúolos lisossomais ou retículo endoplasmático [58]. Sua atividade catalítica máxima requer a presença dos cátions divalentes Ca^{2+} e Mg^{2+}, sendo inativas na ausência destes íons [59]. Além disso, as NTPDase5 e 6 podem sofrer clivagem proteolítica e serem secretadas em uma forma solúvel [60].

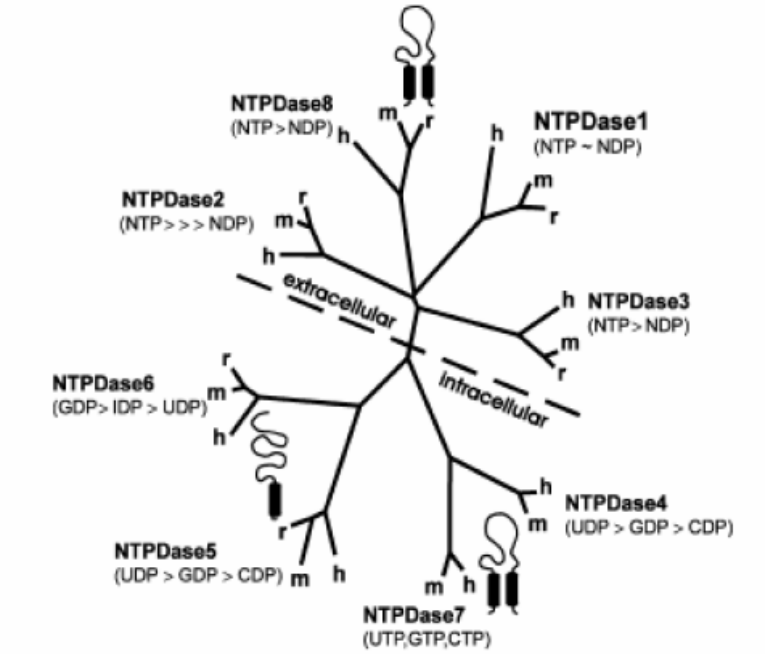


Figura 2. Árvore filogenética hipotética derivada dos 22 membros selecionados da família das E-NTPDases (1-8) de rato (*r*), humano (*h*) e camundongo (*m*), seguindo o alinhamento da sequência de aminoácidos. A linha tracejada separa os tipos de E-NTPDases que apresentam sítio catalítico voltado para o meio extra ou intracelular. Adicionalmente, representa-se a preferência aos substratos de cada enzima e a topografia de membrana para cada grupo de enzimas (um ou dois domínios transmembrana, indicados com barris). Adaptado de Robson *et al.*, 2006 [56].

O AMP resultante da hidrolise do ATP e do ADP pela ação das NTPDases é subsequentemente hidrolisado pela ação da 5'-nucleotidase até adenosina. A 5'-nucleotidase é classificada em quatro grupos de acordo com sua localização celular e propriedades bioquímicas: uma ecto-5'-nucleotidase ancorada à membrana plasmática, uma forma solúvel, e duas formas citoplasmáticas [61]. A ecto-5'-nucleotidase está ligada à membrana plasmática por uma âncora de glicosilfosfatidilinositol (GPI) [62], ligação que pode ser clivada por fosfolipase C, resultando em sua forma solúvel (Figura 5) [63-64].

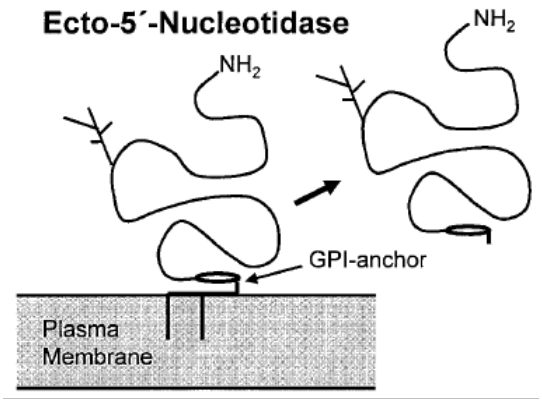


Figura 3. Estrutura da enzima (ecto)-5'-nucleotidase. A enzima pode estar ancorada a membrana plasmática ou ser liberada através de clivagem proteolítica. Adaptado de Zimmermann, 2000 [53].

Inicialmente, pensava-se que a metabolização do ATP fosse mediada somente pelas nucleotidases ligadas à membrana plasmática (ecto). No entanto, foi demonstrado que nucleotidases solúveis, provavelmente liberadas por terminações simpáticas, também estão envolvidas [65]. As nucleotidases solúveis juntamente com ecto-nucleotidases nas plaquetas e na membrana plasmática de células endoteliais são responsáveis pela manutenção de nucleotídeos de adenina e adenosina dentro dos níveis fisiológicos. Portanto, a cascata das nucleotidases é uma via enzimática com dupla função de remover o sinal (ATP) e gerar um segundo sinalizador (adenosina).

Levando em consideração a íntima relação entre os sistemas purinérgico e opióide, este trabalho de conclusão de curso teve por objetivo verificar se o tratamento repetido com morfina durante o período neonatal altera as atividades das nucleotidases em curto, médio e longo prazo em soro de ratos.

Referências da revisão bibliográfica

1. Miura E, Procianoy RS. Neonatologia: Princípios e Prática. 2ed. Porto Alegre: Artes Médicas;1997.
2. Gilles FJ, Shankle W, Dooling EC. Myelinated tracts: growth patterns. In: Gilles FH, Leviton A, Dooling EC, editors. The developing human brain: growth and epidemiologic neuropathology. Boston: John Wright;1983. p.117-83.
3. Deshpande JK, Anand KJS. Basic aspects of acute pediatric pain and sedation. In: Deshpande JK, Tobias JD, editors.The Pediatric Pain Handbook. St. Louis: Mosby-Years Book, Inc.;1996. p. 1-48.
4. Del Fiacco M, Dessi ML, Leranti MC. Substance P-like immunoreactivity in human sympathetic ganglia. Brain Res.1984; 321(1): 143-6.
5. Nomura H, Shiosaka S, Inagaki S, Ishimoto I, Senba E, Sakanaka M, et al. Distribution of substance P-like immunoreactivity in the lower brainstem of the human fetus: an immunohistochemical study. Brain Res.1982;252(2): 315-25.
6. Helke CJ,. Charlton CG, Keeler JR. Bulbospinal substance P and sympathetic regulation of the cardiovascular system: a review. Peptides.1985;6 Suppl 2: 69-74.
7. Anand KJ and Hickey PR. Pain and its effects in the human neonate and fetus. N Engl J Med.1987;317(21): 1321-9.
8. Chamay Y, Paulin C, Chayvialle J-A, Dubois PM. Distribution of substance P-like immunoreactivity in the spinal cord and dorsal root ganglia of the human foetus and infant. Neuroscience.1983; 10: 41-55.
9. Porter FL, Grunau RE, Anand KJ. Long-term effects of pain in infants. J Dev Behav Pediatr.1999;20(4): 253-61.
10. Anand KJ. Pharmacological approaches to the management of pain in the neonatal intensive care unit. J Perinatol.2007;27 Suppl 1: S4-S11.
11. Johnston CC, Collinge JM, Henderson SJ, Anand KJ. A cross-sectional survey of pain and pharmacological analgesia in Canadian neonatal intensive care units. Clin J Pain.1997;13(4): 308-12.
12. Kahn DJ, Richardson DK, Gray JE, Bednarek F, Rubin LP, Shah B, et al. Variation among neonatal intensive care units in narcotic administration. Arch Pediatr Adolesc Med.1998;152(9): 844-51.
13. Carbajal R, Rousset A, Danan C, Coquery S, Nolent P, Ducroqc S, et al. Epidemiology and treatment of painful procedures in neonates in intensive care units. JAMA.2008;300(1): 60-70.
14. Wannmacher L, Ferreira MBC. Princípios gerais de dor. In: Fuchs FD, Wannmacher L, Ferreira MBC, editors. Farmacologia Clínica - Fundamentos da Terapêutica Racional. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2004. p. 152-156.
15. Anand KJ. Clinical importance of pain and stress in preterm neonates. Biol Neonate.1998; 73(1): 1-9.
16. Yaster M and Deshpande JK. Management of pediatric pain with opioid analgesics. J Pediatr.1988;113(3): 421-9.
17. de Lima J, Lloyd-Thomas AR, Howard RF, Summer E, Quinn TM. Infant and neonatal pain: anaesthetists' perceptions and prescribing patterns. BMJ.1996;313(7060): 787.
18. Suresh S and Anand KJ. Opioid tolerance in neonates: a state-of-the-art review. Paediatr Anaesth.2001;11(5): 511-21.
19. El Sayed MF, Taddio A, Fallah S, De Silva N, Moore AM. Safety profile of morphine following surgery in neonates. J Perinatol.2007;27(7): 444-7.
20. Anand KJ, Barton BA, McIntosh N, Lagercrantz H, Pelausa E, Young TE, et al. Analgesia and sedation in preterm neonates who require ventilatory support: results from the NOPAIN trial. Neonatal Outcome and Prolonged Analgesia in Neonates. Arch Pediatr Adolesc Med.1999.153(4): 331-8.
21. Marsh DF, Hatch DJ, Fitzgerald M. Opioid systems and the newborn. Br J Anaesth.1997;79(6): 787-95.

22. Rahman W., Dashwood MR, Fitzgerald M, Aynsley-Green A, Dickenson AH. Postnatal development of multiple opioid receptors in the spinal cord and development of spinal morphine analgesia. Brain Res Dev Brain Res.1998;108(1-2): 239-54.
23. Beland B and Fitzgerald M. Mu- and delta-opioid receptors are downregulated in the largest diameter primary sensory neurons during postnatal development in rats. Pain.2001;90(1-2): 143-50.
24. Stanwood GD and Levitt P. Drug exposure early in life: functional repercussions of changing neuropharmacology during sensitive periods of brain development. Curr Opin Pharmacol.2004;4(1): 65-71.
25. Rozisky JR, Dantas G, Adachi LS, Alves VS, Ferreira MB, Sarkis JJ, et al. Long-term effect of morphine administration in young rats on the analgesic opioid response in adult life. Int J Dev Neurosci.2008;26(6): 561-5.
26. Medeiros LF, Rozisky JR, de Souza A, Hidalgo MP, Netto CA, Caumo W, et al. Lifetime behavioural changes after exposure to anaesthetics in infant rats. Behav Brain Res.2010 (in press).
27. Nandi R and Fitzgerald M. Opioid analgesia in the newborn. Eur J Pain.2005;9(2): 105-8.
28. Rahman W and Dickenson AH. Development of spinal opioid systems. Reg Anesth Pain Med.1999; 24(5): 383-5.
29. van Ree JM, Gerrits MA, Vanderschuren LJ. Opioids, reward and addiction: An encounter of biology, psychology, and medicine. Pharmacol Rev.1999;51(2): 341-96.
30. Vaccarino AL and Kastin AJ. Endogenous opiates: 2000. Peptides, 2001. 22(12): 2257-328.
31. Rozisky JR, Medeiros LF, Adachi LS, Espinosa J, de Souza A, Neto AS, et al. Morphine exposure in early life increases nociceptive behaviour in a rat formalin tonic pain model in adult life. Brain Res.2010 (in press).
32. Burnstock G., Purinergic nerves. Pharmacol Rev.1972;24(3): 509-81.
33. Burnstock G. Historical review: ATP as a neurotransmitter. Trends Pharmacol Sci.2006;27(3): 166-76.
34. Ralevic V and Burnstock G. Receptors for purines and pyrimidines. Pharmacol Rev.1998; 50(3): 413-92.
35. Burnstock G. Purinergic cotransmission. Brain Res Bull.1999;50(5-6): 355-7.
36. Burnstock G. Cotransmission. Curr Opin Pharmacol.2004;4(1): 47-52.
37. Cunha RA and. Ribeiro JÁ. ATP as a presynaptic modulator. Life Sci.2000;68(2): 119-37.
38. Bodin P and Burnstock G. Purinergic signalling: ATP release. Neurochem Res.2001;26(8-9): 959-69.
39. Burnstock G. Purinergic signalling and disorders of the central nervous system. Nat Rev Drug Discov.2008;7(7): 575-90.
40. Burnstock G. Purinergic signalling--an overview. Novartis Found Symp.2006;276: 26-48; discussion 48-57, 275-81.
41. Khakh BS and North RA. P2X receptors as cell-surface ATP sensors in health and disease. Nature.2006;442(7102): 527-32.
42. Burnstock, G. Purine-mediated signalling in pain and visceral perception. Trends Pharmacol Sci.2001;22(4): 182-8.
43. Burnstock, G. The past, present and future of purine nucleotides as signalling molecules. Neuropharmacology.1997;36(9): 1127-39.
44. Burnstock, G and Wood JN. Purinergic receptors: their role in nociception and primary afferent neurotransmission. Curr Opin Neurobiol.1996;6(4): 526-32.
45. Keil GJ 2nd and DeLander GE. Altered sensory behaviors in mice following manipulation of endogenous spinal adenosine neurotransmission. Eur J Pharmacol.1996;312(1): 7-14.
46. Haas HL and Greene RW. Endogenous adenosine inhibits hippocampal CA1 neurones: further evidence from extra- and intracellular recording. Naunyn Schmiedebergs Arch Pharmacol.1988;337(5): 561-5.

47. Lambert NA and Teyler TJ. Adenosine depresses excitatory but not fast inhibitory synaptic transmission in area CA1 of the rat hippocampus. Neurosci Lett.1991;122(1): 50-2.
48. Poli A., Lucchi R, Vibio M, Barnabei O. Adenosine and glutamate modulate each other's release from rat hippocampal synaptosomes. J Neurochem.1991;57(1): 298-306.
49. Torres IL, Battastini AM, Buffon A, Fürstenau CR, Siqueira I, Sarkis JJ, et al. Ecto-nucleotidase activities in spinal cord of rats changes as function of age. Int J Dev Neurosci.2003;21(8): 425-9.
50. Cunha RA, Johansson B, Fredholm BB, Ribeiro JA, Sebastião AM. Adenosine A2a receptors stimulate acetylcholine release from nerve terminals of the rat hippocampus. Neuroscience Letters, 1992. v.196: 41-44.
51. Sandner-Kiesling A, Li X, Eisenach JC. Morphine-induced spinal release of adenosine is reduced in neuropathic rats. Anesthesiology.2001;95(6): 1455-9.
52. Sweeney MI, White TD, Sawynok J. Morphine-evoked release of adenosine from the spinal cord occurs via a nucleoside carrier with differential sensitivity to dipyridamole and nitrobenzylthioinosine. Brain Res.1993;614(1-2): 301-7.
53. Zimmermann H. Extracellular metabolism of ATP and other nucleotides. Naunyn Schmiedebergs Arch Pharmacol.2000;362(4-5): 299-309.
54. Agteresch HJ, Dagnelie PC, van den Berg JW, Wilson JH. Adenosine triphosphate: established and potential clinical applications. Drugs.1999;58(2): 211-32.
55. Chen W and Guidotti G. Soluble apyrases release adp during ATP hydrolysis. Biochem Biophys Res Commun.2001;282(1): 90-5.
56. Robson SC, Sevigny J, Zimmermann H. The E-NTPDase family of ectonucleotidases: Structure function relationships and pathophysiological significance. Purinergic Signal.2006;2(2): 409-30.
57. Wang TF and Guidotti G. Widespread expression of ecto-apyrase (CD39) in the central nervous system. Brain Res.1998;790(1-2): 318-22.
58. Biederbick A, Rose S, Elsasser HP. A human intracellular apyrase-like protein, LALP70, localizes to lysosomal/autophagic vacuoles. J Cell Sci.1999;112 (Pt 15): 2473-84.
59. Kukulski F. Sevigny J, Komoszynski M. Comparative hydrolysis of extracellular adenine nucleotides and adenosine in synaptic membranes from porcine brain cortex, hippocampus, cerebellum and medulla oblongata. Brain Res.2004;1030(1): 49-56.
60. Lavoie EG, Kukulski F, Lévesque SA, Lecka J, Sévigny J. Cloning and characterization of mouse nucleoside triphosphate diphosphohydrolase-3. Biochem Pharmacol.2004;67(10): 1917-26.
61. Kawashima Y, Nagasawa T, Ninomiya H. Contribution of ecto-5'-nucleotidase to the inhibition of platelet aggregation by human endothelial cells. Blood.2000;96(6): 2157-62.
62. Zimmermann H. 5'-Nucleotidase: molecular structure and functional aspects. Biochem J.1992;285 (Pt 2): 345-65.
63. Yegutkin G, Bodin P, Burnstock G. Effect of shear stress on the release of soluble ecto-enzymes ATPase and 5'-nucleotidase along with endogenous ATP from vascular endothelial cells. Br J Pharmacol.2000;129(5): 921-6.
64. Zimmermann H. and Braun N. Ecto-nucleotidases--molecular structures, catalytic properties, and functional roles in the nervous system. Prog Brain Res.1999;120: 371-85.
65. Todorov LD, Mihaylova-Todorova S, Westfall TD, Sneddon P, Kennedy C, Bjur RA, et al. Neuronal release of soluble nucleotidases and their role in neurotransmitter inactivation. Nature.1997;387(6628): 76-9.

MORPHINE TREATMENT IN EARLY LIFE ALTERS NTPDASE ACTIVITY IN RAT BLOOD SERUM

YASMINE NONOSE[1,4], JOANNA RIPOLL ROZISKY[1,2,4], GABRIELA LASTE[1,2,4], VINICIUS SOUZA DOS SANTOS[1,4], ISABEL CRISTINA DE MACEDO[1,2,4], CLEVERSON MORAES DE OLIVEIRA[1,4], ANA MARIA OLIVEIRA BATTASTINI[2,4], IRACI LUCENA DA SILVA TORRES[1,2,4,*]

[1] Laboratório de Farmacologia, Dor e Neuromodulação – Departamento de Farmacologia – Instituto de Ciências Básicas da Saúde - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, CEP 90050-170 - Porto Alegre - Brazil.

[2] Programa de Pós-Graduação em Medicina – Ciências Médicas – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CEP 90035-003 – Porto Alegre – Brazil

[3] Departamento de Bioquímica – Instituto de Ciências Básicas da Saúde – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Prédio Anexo CEP 90035-003 – Porto Alegre – RS – Brazil.

[4] Unidade de Experimentação Animal e Grupo de Pesquisa e Pós-Graduação – Hospital de Clínicas de Porto Alegre – CEP 90035-003 – Porto Alegre – Brazil.

Number of Pages: 18

Number of figures: 4

[*]CORRESPONDING AUTHOR:
Iraci Lucena da Silva Torres
Departamento de Farmacologia - ICBS, UFRGS.
Rua Sarmento Leite, 500 sala 202.
90050-170 - Porto Alegre, RS, Brazil.
Phone: 0055-51 3308 3183; FAX: 0055-51 3308 3121.
E-mail: iracitorres@gmail.com

Running title: Neonatal morphine modulates NTPDase activity

Abstract

We have shown that morphine exposure in early life promotes alterations in E-NTPDase activity and gene expression pattern in central nervous structures of rats. The E-NTPDases hydrolyze ATP and ADP, while 5′-nucleotidase hydrolyzes AMP to adenosine. These enzymes are the major regulators of purinergic signaling in the blood. It has been shown that ATP stimulates a nociceptive response, although the adenosine mediates a component of morphine analgesia. The aim of this study was to evaluate whether morphine exposure in early life, from postnatal day 8 until postnatal day 14, alters NTPDases and 5´-nucleotidase activities in the short, medium and long term in blood serum of rats. At P16, we did not observe any difference in nucleotides hydrolysis. However, at P30 the morphine group exhibited an increase in ATP hydrolysis and at P60 a decrease in ADP hydrolysis in blood serum. It is probable that the two different NTPDases are carrying out the same function, one hydrolyzing preferentially ATP and the other hydrolyzing ADP slowly. The nucleotide hydrolysis profile may lead to an increase in the ADP availability at the peripheral level. Our findings highlight the importance of NTPDases in regulating nucleotide levels in rats exposed to morphine.

Keywords: NTPDase; 5'-nucleotidase; morphine; neonate; rat blood serum

1. INTRODUCTION

The recognition of the need to adequately assess and treat pain in children and infants has led to increasing use of opioids in these patients. Opioids such as morphine remain the most common treatment for severe acute and chronic pain, and are often used for sedation in the intensive care setting (1-2). Currently, human infants and children are routinely treated with opioids for pain relief and for the purposes of sedation to permit mechanical ventilation (3-4). Unfortunately, more than 48% of infants and children administered therapeutic doses of intravenous opioids in the intensive care unit develop symptoms of opiate withdrawal (5-9). Previous studies by our group showed that exposure to drugs in early life can have implications in the developing nervous system, such as long-lasting altered behavior after anesthesia exposure (10). Moreover, other studies showed permanent alterations in pharmacological responses and cell signaling (11). Likewise, we have shown that morphine exposure in early life promotes a hyperalgesic response to noxious events in adult life (12). Additionally, another study has shown that long-term administration of opioids can alter the central pain-related systems and results in opioid addiction (13). In particular, studies in rats have shown that the chronic use of morphine can promote changes in adenosine-mediated signaling pathways in several brain structures related to the etiology of addiction (14) and to pain transmission (15).

In other work our laboratory has shown that early morphine exposure alters E-NTPDase activity and gene expression patterns in spinal cord and cerebral cortex of rats (16). The enzymes of the ecto-nucleoside triphosphate diphosphohydrolase family (NTPDases) and ecto-5'-nucleotidase are responsible for inactivation of extracellular adenine nucleotides (17). The NTPDases hydrolyze ATP and ADP, while ecto-5′-nucleotidase hydrolyzes AMP to adenosine (18). These enzymes are

ubiquitously coexpressed in endothelial and hematopoietic cells and are considered to be the major regulators of purinergic signaling in the blood (19-20). Previous studies suggested the presence of soluble NTPDases in rat blood serum (21) as well as in human blood (22). Furthermore, the presence of NTPDases associated with circulating plasma microparticles was observed (23).

The relationship between the purinergic and nociceptive systems was reviewed by Donnelly-Roberts and colleagues (2007) (24). It has been shown that ATP stimulates cellular excitability, promotes the release of excitatory amino acids, initiates a nociceptive response and can induce apoptosis (25-26). By other hand, the nucleoside adenosine decreases nociception, inflammation and cellular excitability (27), and is a component of spinal analgesia after morphine and serotonin injection (28). It is known that morphine administration promotes adenosine release in the spinal cord and brain, providing evidence to support the idea that adenosine is involved in opioid-induced analgesia (15), possibly acting through the adenosine A_1 receptor (29-30). Moreover, intradermal co-injections of μ opioid and A_1 receptor agonists with the inflammatory mediator PGE2 show a bi-directional cross-tolerance to peripheral antinociception, suggesting a common cellular role for the μ opioid and A_1 receptors on primary afferent nociceptors (31). Likewise, cross-tolerance and cross-withdrawal studies have proposed that a μ opioid, α2 adrenergic, A_1 receptor complex mediates antinociception in the periphery (32). These considerations involving the activities of ecto-nucleotidases and pain modulation are target of interest, since plasma and cerebrospinal fluid levels of adenosine are reduced by half in subjects with neuropathic pain (33).

Considering the close relationship between opioid and purinergic systems, the aim of this study was to investigate whether morphine exposure in early life alters

NTPDases and 5´-nucleotidase activities in the short, medium and long term in blood serum of rats.

2. MATERIALS AND METHODS

2.1. Animals

Eight-day-old male Wistar rats were divided into two groups: saline-control (C) and morphine-treated (M). Naive animals were placed in home cages made of Plexiglas (65 cm x 25 cm x 15 cm) with sawdust covering the floor. Animals were maintained on a standard 12-h dark/light cycle (light on between 7.00 h and 19.00 h) at room temperature (22 $\pm$ 2°C). The animals had free access to food and water. At birth, the litters were standardized to contain up to 8 pups per dam, and the pups remained with their mothers until 21 days of age. Rats at postnatal day 8 (P8) were chosen because it exhibit a neurological development similar to a human newborn (34). It is also accepted that they are in a physiologically immature state (35) since this period is characterized by major developmental changes in the brain and plasticity of the developing pain system (36-38). Animal handling and all experiments were performed in accordance with international guidelines of animal care. The protocol of the present study was approved by the Ethics Committee of the institution where the work was conducted.

2.2. Reagents

Nucleotides (ATP, ADP and AMP), Trizma base and Coomassie Brilliant Blue G were purchased from Sigma Chemical Co. (St. Louis, MO, USA). Morphine sulfate (Dimorf® 10 mg/ml) was purchased from Cristália (Porto Alegre, RS, Brazil). All other reagents were of analytical grade.

2.3. Morphine treatment

Each animal received saline (Control group) or morphine (Morphine group; total dose of 5 μg s.c. in the mid-scapular area) once a day for 7 days. This dose had been chosen based on previous studies by Rozisky and colleagues (12, 16, 39), and it produced analgesia in all animals submitted to the tail-flick test. All treatments were administered at the same time each day (11:00 h). One milliliter of morphine sulfate was diluted in 9 ml of 0.9% NaCl (saline). At the end of each stage of the experiment rats were decapitated and troncular blood was collected. The samples were centrifuged in plastic tubes for 5 min at 5000 x *g* at room temperature (40). Serum was obtained and stored at –20°C until the analyses were performed. The enzyme assays were carried out on blood serum at P16 (Control: n=5; Morphine: n=4), P30 (Control: n=11; Morphine: n=11), and P60 (Control: n=7; Morphine: n=7) (Fig. 1).

Insert Fig. 1 about here

2.4. Enzymatic assay

ATP and ADP hydrolysis were determined using a modification of the method described by Oses and colleagues (2004) (21). The reaction mixture containing 0.5 to 1.0 mg serum protein in 112.5 mM Tris–HCl, pH 8.0 was preincubated for 10 min to equilibrate the mixture. The reaction was started by the addition of ATP or ADP (final concentration of 3.0 mM). The mixture was incubated at 37°C in a final volume of 200 µL, for 40 min. The reaction was stopped by the addition of 200 µL 10% trichloroacetic acid (TCA). All samples were centrifuged at 5000 x *g* for 5 min to eliminate precipitated protein and the supernatant was used for the colorimetric assay. The inorganic phosphate (Pi) released was measured by the Malachite green method (41). AMP hydrolysis was quantified essentially as described above for ATP and ADP hydrolysis. The reaction mixture, containing 3.0 mM AMP as substrate in 100 mM Tris–HCl, pH 7.5, was incubated with 0.5 to 1.0 mg serum protein at 37°C in a final volume of 200 µL. All other procedures were the same as described above for ATP and ADP hydrolysis.

The incubation times, substrate and protein concentrations were chosen in order to ensure the linearity of the reactions. All samples were run in triplicate. In order to correct for non-enzymatic hydrolysis, we performed controls by adding the serum after the reaction was stopped with TCA. The protein concentration was measured by the Coomassie Blue method using bovine serum albumin as standard (42). Enzyme activities were expressed as nmol of inorganic phosphate released *per* minute *per* milligram of protein (nmol Pi/min/mg protein).

2.5. Statistical analysis

Data were expressed as mean ± standard error of the mean (S.E.M.). Statistical analysis was performed using Student's *t* test. Differences between groups were considered significant at $P < 0.05$.

3. RESULTS

After the daily morphine exposure, from postnatal day 8 to 14, the NTPDase and 5´-nucleotidase activities in blood serum were compared between the saline-control and morphine-treated groups at P16, P30 and P60. At P16 the groups did not show any differences in nucleotide hydrolysis (ATP: Control = 1.63 $\pm$ 0.27 nmol $Pi.min^{-1}.mg^{-1}$ of protein, Morphine = 1.41 $\pm$ 0.39 nmol $Pi.min^{-1}.mg^{-1}$ of protein; ADP: Control = 1.21 $\pm$ 0.15 nmol $Pi.min^{-1}.mg^{-1}$ of protein, Morphine = 1.21 $\pm$ 0.37 nmol $Pi.min^{-1}.mg^{-1}$ of protein; AMP: Control = 1.32 $\pm$ 0.22 nmol $Pi.min^{-1}.mg^{-1}$ of protein, Morphine = 1.04 $\pm$ 0.1 nmol $Pi.min^{-1}.mg^{-1}$ of protein, Student's *t* test, $P > 0.05$; Fig. 2A).

By contrast, at P30 the morphine group demonstrated a significant increase in ATP hydrolysis when compared to the control group (Control = 2.18 $\pm$ 0.21 nmol $Pi.min^{-1}.mg^{-1}$ of protein, Morphine = 2.6 $\pm$ 0.49 nmol $Pi.min^{-1}.mg^{-1}$ of protein; Student's *t* test, $P < 0.05$; Fig. 2B), although there was no difference in the hydrolysis of other nucleotides (ADP: Control = 3.22 $\pm$ 0.3 nmol $Pi.min^{-1}.mg^{-1}$ of protein, Morphine = 3.28 $\pm$ 0.41 nmol $Pi.min^{-1}.mg^{-1}$ of protein; AMP: Control = 1.78 $\pm$ 0.39 nmol $Pi.min^{-1}.mg^{-1}$ of protein, Morphine = 2.08 $\pm$ 0.28 nmol $Pi.min^{-1}.mg^{-1}$ of protein; Student's *t* test, $P > 0.05$; Fig. 2B).

At P60, the morphine group demonstrated a significant decrease in ADP hydrolysis when compared to the control group (Control = 2.56 $\pm$ 0.51 nmol $Pi.min^{-1}.mg^{-1}$ of protein, Morphine = 1.74 $\pm$ 0.21 nmol $Pi.min^{-1}.mg^{-1}$ of protein; Student's *t* test, $P < 0.05$; Fig. 2C), while there was no difference in the hydrolysis of other nucleotides (ATP:

Control = 2.39 ± 0.46 nmol $Pi.min^{-1}.mg^{-1}$ of protein, Morphine = 2.28 ± 0.39 nmol $Pi.min^{-1}.mg^{-1}$ of protein; AMP: Control = 1.83 ± 0.35 nmol $Pi.min^{-1}.mg^{-1}$ of protein, Morphine = 1.38 ± 0.16 nmol $Pi.min^{-1}.mg^{-1}$ of protein; Student's *t* test, $P > 0.05$; Fig. 2C).

Insert Fig. 2 about here

---

4. DISCUSSION

In this study, after the repeated, daily exposure to morphine beginning on P8 and continuing until P14, we observed an increase in ATP hydrolysis at P30, and a decrease in ADP hydrolysis at P60 in blood serum of rats.

It is well known that the neonatal nervous system is structurally and functionally immature and significant changes in nociceptive pathways and opioid analgesic mechanisms occur before and after birth (43-45). Exposure to analgesic opioids during early life can have short- and long-lasting consequences in the development and function of some neurotransmitter systems in the central nervous system (CNS), such as glutamatergic and dopaminergic systems (12, 46-47). In the developing nervous system, these effects are different from those on the mature system (11). In a previous study published by our group, using a measure of the pain threshold at the spinal level, we observed that animals in the second week of life showed an increased analgesic response to repeated morphine administration without developing tolerance. However, at P80 rats showed a greater morphine

analgesia and a classic tolerance effect. In addition, the animals that received morphine from P8 until P14 displayed a longer duration of morphine analgesia at P80 (39). These results indicate that early morphine exposure promotes alterations in the opioid analgesic response that may be expressed into adulthood. In addition, we found that rats which received the same morphine treatment showed an increase in nociceptive behavior in response to formalin test at P30 and at P60. This response was partially reversed by a non-steroidal anti-inflammatory drug (indomethacin) and completely reversed by a NMDA receptor antagonist (ketamine), suggesting that this early exposure can lead to neuroplastic changes in the nociceptive circuits, such as the glutamatergic system (12).

Recently, our group showed that treatment with morphine in early life alters the hydrolysis of nucleotides in CNS structures (16). We showed that the synaptosomes from P16 animals exhibited a decrease in ADP hydrolysis and an increase in ATP hydrolysis. The expression of E-NTPDase1 mRNA transcripts was increased in spinal cord and decreased in cerebral cortex after the treatment (16).

The difference in activities observed after morphine withdrawal in this study are possibly due to different types of NTPDases present in blood serum, since our results showed a change in the ATPase and ADPase activities at P30 and at P60, respectively. NTPDase1, also known as apyrase, is notable for its high preference for nucleoside triphosphates and nucleoside diphosphates. This enzyme presents a wide distribution on the surface of all the cell types of the CNS (48-50) and also is expressed in the endothelium, endocardium, and to a lesser extent by vascular smooth muscle (51-52). NTPDase1 together with NTPDase2 represents the dominant ecto-nucleotidases expressed by vascular endothelial cells and accessory vascular cells, such as the adventitia of vessels and microvascular pericytes (17).

NTPDase2 stands out for its high preference for nucleoside triphosphates over nucleoside diphosphates, and thus not only inactivates ligands for nucleoside triphosphate-sensitive receptors but also generates ligands for nucleoside diphosphate-sensitive receptors (53). When NTPDase1 is active, extracellular ATP is converted to AMP and then to adenosine by 5'-nucleotidase, and ADP is not an appreciable product. However, when NTPDase1 is inhibited, as is the case at P60, ATP is converted to ADP by other ATPases, and ADP will be relatively stable. In this case, the AMP which is the substrate for 5'-nucleotidase may be reduced and ADP may accumulate in the bloodstream due to decreased ADPase activity. However, no change was observed in the 5'-nucleotidase activity making it difficult to infer whether this outcome, which was measured in vitro, will or will not result in decreased extracellular adenosine in vivo.

Extracellular nucleotides (ATP and ADP) have been shown to act as signaling molecules in the central and peripheral nervous systems by binding to two types of P2 receptors: P2X (ligand-gated cationic channels) and P2Y (G-protein-coupled receptors) (54-55). The increased enzymatic activity at P30 observed in this study, after the repeated morphine exposure, may be responsible for modulating the magnitude of the ATP signal in the periphery. A previous study showed that a single subplantar injection into the hindpaw with α,β-methylene ATP (selective P2X receptor agonist) activates P2X receptors present on peripheral sensory neurons, and results in nociception in animals (56). It is well known that ATP facilitates nociceptive transmission through binding to P2X3 receptors; however, these receptors are co-localized with the P2Y inhibitory receptors involved in nociceptive transmission (57). ADP is a potent agonist of P2Y receptors (53,58), which are widely expressed in peripheral sensory neurons, and are capable of inhibiting nociceptive signaling in

isolated neurons and reducing hyperalgesia in vivo (59). Anti-nociceptive actions resulting from activation of these receptors appear to be antagonized by the Gq-coupled ADP receptor, $P2Y_1$, which is required for the full expression of inflammatory hyperalgesia (59). Activation of Gi-coupled receptors in sensory neurons is often associated with inhibition of N-type Ca^{+2} channels and attenuation of neurotransmitter release, which is the principle mechanism for the inhibition of peripheral nociceptive signaling by μ opioid receptor agonists (60-61). Expression of Gi-coupled nucleotide receptors is regulated in response to inflammation, indicating that changes in $P2Y_{Gi}$ expression contribute to the neuronal response to inflammatory injury. Results described by Malin and Molliver (2010) (59) indicate that ADP acts on both the Gq-coupled $P2Y_1$ and the Gi-coupled $P2Y_{12}$ and $P2Y_{13}$ receptors on sensory neurons, and this suggests that the integration of these antagonistic pathways is an important mechanism for the modulation of nociceptor sensitivity. Furthermore, the same authors provided evidence that $P2Y_1$ has pronociceptive actions in sensory neurons and participates in inflammatory sensitization, while Gi-coupled receptors, also expressed in sensory neurons, are dynamically upregulated in response to inflammation and inhibit excitatory signaling in sensory neurons, including capsaicin-responsive nociceptors (59). Although purinergic receptors were not the focus of this study, we could suggest that the increase in ATP hydrolysis at P30, which was measured in the periphery, has the function of removing the ATP signal and generating a second signal in the form of ADP.

These results also could suggest that ADP acts as a peripheral and central neuromodulator during the opioid withdrawal process due to the sustained morphine exposure in early life. Our laboratory has demonstrated that animals with early

exposure to morphine do not present tolerance to the drug (39), but they present increased nociceptive behavior in the formalin test at P30 and P60 (12). It is possible that ADP may modulate this opioid-induced hyperalgesia in these animals through P2Y receptors present in the periphery, more specifically on nociceptors. This nucleotide can modulate inflammatory and nociceptive responses by inhibiting excitatory signaling in sensory neurons (59). Thus, it is probable that these results are consequences of opioid modulation of different NTPDase activities in the CNS (16) and in blood serum. It is probable that NTPDase1 and NTPDase2 are carrying out the same function, one hydrolyzing ATP more quickly (NTPDase2 at P30), and the other hydrolyzing ADP more slowly (NTPDase1 at P60), and in both situations this may lead to an increase in the ADP availability at the peripheral level. These effects are long-lasting, since they persist for up to 45 days after the end of treatment. Accordingly, these changes in NTPDase activities may constitute one of the mechanisms that mediate the development of some of the long-lasting effects of morphine treatment in early life, such as hyperalgesia at P30 and P60 (12).

In summary, our findings highlight the importance of NTPDases in regulating the levels of nucleotides, and consequently the level of nucleotide receptor activation in rats exposed to morphine. Moreover, we propose that the hyperalgesia induced by morphine (12) might be modulated by ADP signaling in the periphery. Nevertheless, further studies are required to elucidate the exact mechanisms by which ADP acts in the periphery after the end of treatment with morphine.

Acknowledgements: This research was supported by the following Brazilian funding agencies: National Council for Scientific and Technological Development - CNPq (Dr. I.L.S. Torres); Committee for the Development of Higher Education Personnel -

CAPES (J.R. Rozisky, G. Laste, I.C. de Macedo); Fundação de Amparo a Pesquisa do Rio Grande do Sul - FAPERGS (V. S dos Santos); Graduate Research Group (GPPG) of Hospital de Clínicas de Porto Alegre (Dr I.L.S. Torres – Grant 08345); Dean for Research - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - PROPESQ-UFRGS (Y. Nonose). We would like to thank Dr Gareth Cuttle for the English correction and editing of the manuscript.

Declaration of Interest: The authors report no conflicts of interest. The authors alone are responsible for the content and writing of the paper.

LEGENDS

Figure 1. Experimental design

Figure 2. Effect of morphine administration in early life upon NTPDases and 5´-nucleotidase in rat blood serum at P16, P30 and P60:

A) At P16 no difference was observed in nucleotide hydrolysis (Student's *t* test, $P > 0.05$).

B) At P30 the morphine group showed an increase in ATP hydrolysis in comparison to control group (Student's *t* test, $P < 0.05$).

C) At P60 the morphine group showed a decrease in ADP hydrolysis in comparison to control group (Student's *t* test, $P < 0.05$).

Values are mean $\pm$ S.E.M. Specific enzyme activities were expressed as nmol of $Pi.min^{-1}.mg^{-1}$ protein. # indicates difference between the control (white bars) and morphine-treated group (black bars).

Figure 1

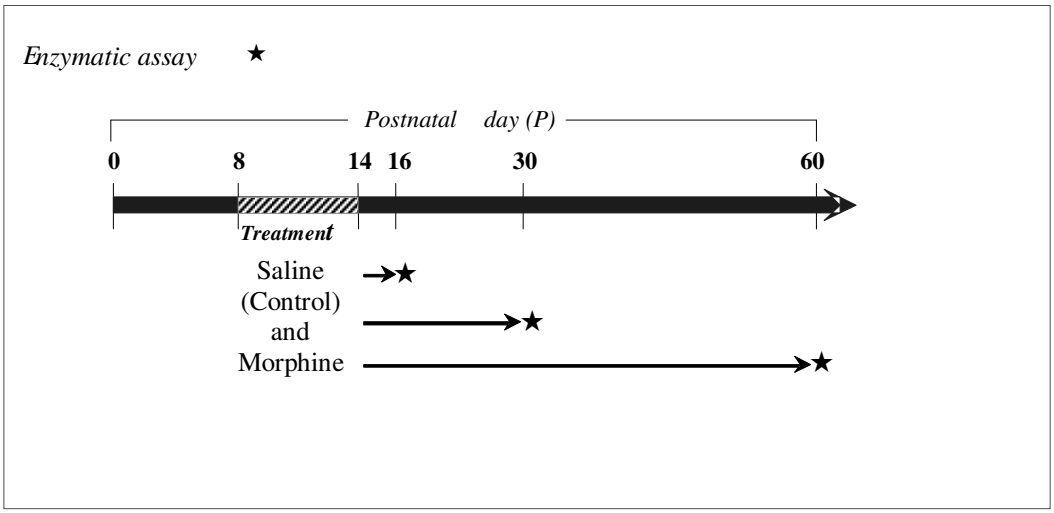

Enzymatic assay
Postnatal day (P)
0
8
14
16
30
60
Treatment
Saline
(Control)
and
Morphine

Figure 2

A)

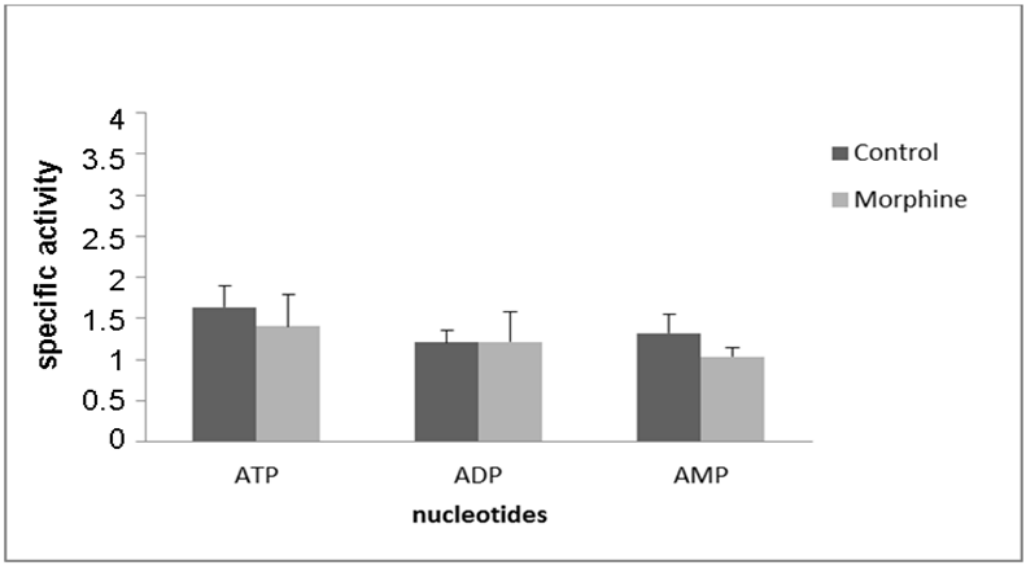

specific activity
4
3.5
3
2.5
2
1.5
1
0.5
0
ATP
ADP
AMP
nucleotides
Control
Morphine

Figure 2

B)

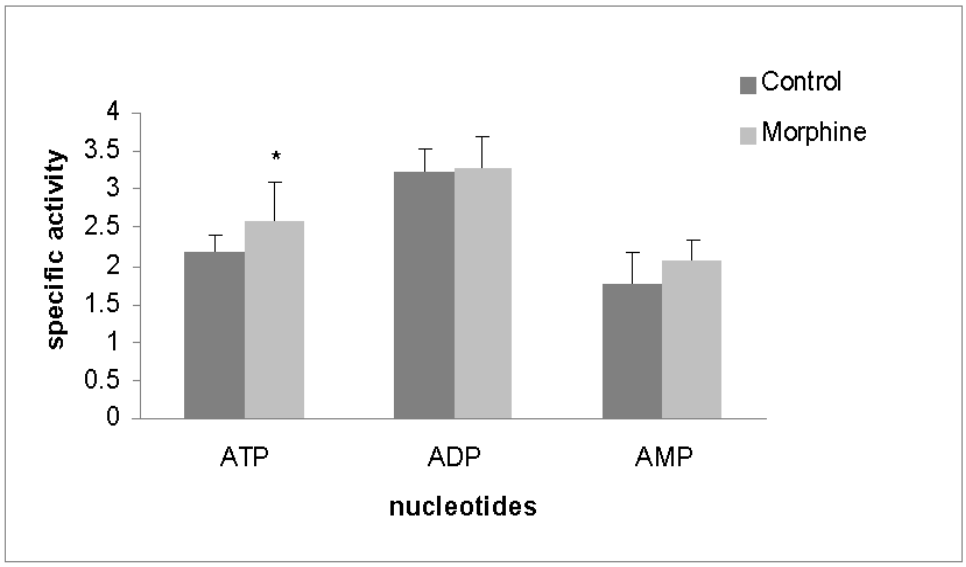
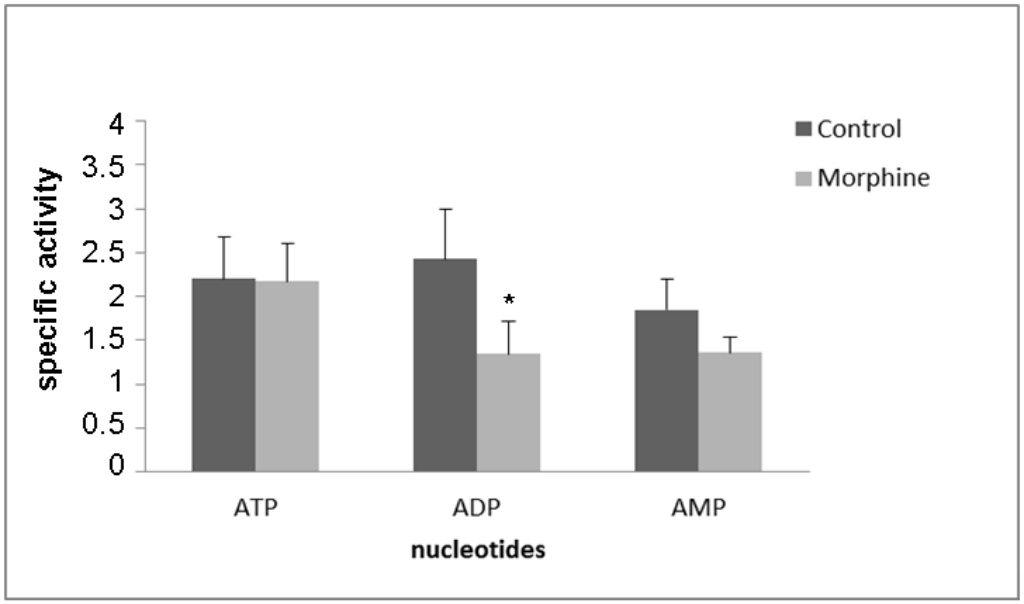

Control
Morphine
specific activity
4
3.5
3
2.5
2
1.5
1
0.5
0
*
ATP
ADP
AMP
nucleotides

Figure 2

C)


specific activity
4
3.5
3
2.5
2
1.5
1
0.5
0
Control
Morphine
*
ATP
ADP
AMP
nucleotides

REFERENCES

1. Porter FL, Grunau RE, Anand KJ. Long-term effects of pain in infants. J Dev Behav Pediatr. 1999; 20(4): 253-261.
2. Anand KJ. Pharmacological approaches to the management of pain in neonatal intensive care. J Perinatol.2007; 1:S4-S11.
3. van Dijk M, Bouwmeester NJ, Duivenvoorden HJ, Koot HM, Tibboel D, Passchier J, et al. Efficacy of continuous versus intermittent morphine administration after major surgery in 0-3-year-old infants; a double–blind randomizedcontrolled trial. Pain.2002; 98:305-313.
4. Simons SH, van Dijk M, van Lingen RA, Roofthooft D, Duivenvoorden HJ, Jongeneel N, et al. Routine morphine infusion in preterm newborns who received ventilatory support: a randomized controlled trial. Jama.2003; 290:2419-2427.
5. Arnold JH, Truog RD, Orav EJ, Scavone JM, Hershenson MB. Tolerance and dependence in neonates sedated with fentanyl during extracorporeal membrane oxygenation. Anesthesiology.1990; 73(6): 1136-40.
6. Franck L, Vilardi J. Assessment and management of opioid withdrawal in ill neonates. Neonatal Netw.1995; 14(2): 39-48.
7. Franck LS, Franck LS, Vilardi J, Durand D, Powers R. Opioid withdrawal in neonates after continuous infusions of morphine or fentanyl during extracorporeal membrane oxygenation. Am J Crit Care.1998; 7(5): 364-9.
8. French JP, Nocera M. Drug withdrawal symptoms in children after continuous infusions of fentanyl. J Pediatr Nurs.1994; 9(2): 107-13.
9. Norton SJ. Aftereffects of morphine and fentanyl analgesia: a retrospective study. Neonatal Netw.1988; 7(3): 25-8.
10. Medeiros LF, Rozisky JR, Souza A, Hidalgo MP, Netto CA, Caumo W, et al. Lifetime behavioural changes after exposure to anaesthetics in infant rats. Behav Brain Res.2010 (in press).
11. Stanwood GD, Levitt P. Drug exposure early in life: functional repercussions of changing neuropharmacology during sensitive periods of brain development. Curr Opin Pharmacol.2004; 4(1): 65-71.
12. Rozisky JR, Medeiros LF, Adachi LS, Espinosa J, de Souza A, Neto AS, et al. Morphine exposure in early life increases nociceptive behaviour in a rat formalin tonic pain model in adult life. Brain Res.2010 (in press).
13. Nestler EJ. Molecular mechanisms of addiction. Neuropharmacology.2004; 47 (1): 24-32.
14. Hack SP, Christie M.J. Adaptations in adenosine signaling in drug dependence: therapeutic implications. Crit Rev Neurobiol.2003; 15(3-4): 235-74.
15. Sawynok J, Liu XJ. Adenosine in the spinal cord and periphery: release and regulation of pain. Prog Neurobiol.2003; 69(5): 313-40.
16. Rozisky JR, da Silva RS, Adachi LS, Capiotti KM, Ramos DB, Bogo MR, et al. Neonatal morphine exposure alters E-NTPDase activity and gene expression pattern in spinal cord and cerebral cortex of rats. Eur J Pharmacol.2010; 642(1-3): 72-6.
17. Zimmermann H. Extracellular metabolism of ATP and other nucleotides. Naunyn Schmiedebergs Arch Pharmacol.2000; 362(4-5): 299-309.
18. Abbracchio MP, Burnstock G, Verkhratsky A, Zimmermann H. Purinergic signalling in the nervous system: an overview. Trends Neurosci.2009; 32(1): 19-29.

19. Zimmermann H. Nucleotides and cd39: principal modulatory players in hemostasis and thrombosis. Nat Med.1999; 5(9): 987-8.
20. Robson L, Hunter M. An intracellular ATP-activated, calcium-permeable conductance on the basolateral membrane of single renal proximal tubule cells isolated from Rana temporaria. J Physiol.2000; 523 Pt 2: 301-11.
21. Oses JP, Cardoso CM, Germano RA, Kirst IB, Rücker B, Fürstenau CR, et al. Soluble NTPDase: An additional system of nucleotide hydrolysis in rat blood serum. Life Sci.2004; 74(26): 3275-84.
22. Yegutkin GG, Nucleotide- and nucleoside-converting ectoenzymes: Important modulators of purinergic signalling cascade. Biochim Biophys Acta.2008; 1783(5): 673-94.
23. Banz Y, Beldi G, Wu Y, Atkinson B, Usheva A, Robson SC. CD39 is incorporated into plasma microparticles where it maintains functional properties and impacts endothelial activation. Br J Haematol.2008; 142(4): 627-37.
24. Donnelly-Roberts DL, Jarvis MF. Discovery of P2X7 receptor-selective antagonists offers new insights into P2X7 receptor function and indicates a role in chronic pain states. Br J Pharmacol.2007; 151(5): 571-9.
25. Burnstock G, Williams M. P2 purinergic receptors: modulation of cell function and therapeutic potential. J Pharmacol Exp Ther.2000; 295(3): 862-9.
26. Burnstock G. Physiology and pathophysiology of purinergic neurotransmission. Physiol Rev.2007; 87(2): 659-797.
27. McGaraughty S, Chu KL, Faltynek CR, Jarvis MF. Systemic and site-specific effects of A-425619, a selective TRPV1 receptor antagonist, on wide dynamic range neurons in CFA-treated and uninjured rats. J Neurophysiol.2006; 95(1): 18-25.
28. DeLander GE, Hopkins CJ. Interdependence of spinal adenosinergic, serotonergic and noradrenergic systems mediating antinociception. Neuropharmacology.1987; 26(12): 1791-4.
29. Keil GJ 2nd and Delander GE. Time-dependent antinociceptive interactions between opioids and nucleoside transport inhibitors. J Pharmacol Exp Ther.1995; 274(3): 1387-92.
30. Stone TW. The effects of morphine and methionine-enkephalin on the release of purines from cerebral cortex slices of rats and mice. Br J Pharmacol.1981; 74(1): 171-6.
31. Aley KO, Green PG, Levine JD. Opioid and adenosine peripheral antinociception are subject to tolerance and withdrawal. J Neurosci.1995; 15(12): 8031-8.
32. Aley KO, Levine JD. Multiple receptors involved in peripheral alpha 2, mu, and A1 antinociception, tolerance, and withdrawal. J Neurosci.1997; 17(2): 735-44.
33. Guieu R, Peragut JC, Roussel P, Hassani H, Sampieri F, Bechis G, et al. Adenosine and neuropathic pain. Pain.1996; 68(2-3): 271-4.
34. Fitzgerald M, Anand KJ. Developmental neuroanatomy and neurophysiology of pain. In: Schechter NL, Berde CB, Yaster M, editors. Pain in infant , children, and adolescents. Baltimore: Williams & Wilkins;1993. p. 11-31.
35. Pattinson D, Fitzgerald M. The neurobiology of infant pain: development of excitatory and inhibitory neurotransmission in the spinal dorsal horn. Reg Anesth Pain Med.2004; 29(1): 36-44.
36. Bishop B. Neural plasticity: Part 2. Postnatal maturation and function-induced plasticity. Phys Ther.1982; 62(8): 1132-43.
37. Kim JJ, Foy MR, and Thompson RF. Behavioral stress modifies hippocampal plasticity through N-methyl-D-aspartate receptor activation. Proc Natl Acad Sci U S A.1996; 93(10): 4750-3.

38. Rabinowicz T, de Courten-Myers GM, Petetot JM, Xi G, de los Reyes E. Human cortex development: estimates of neuronal numbers indicate major loss late during gestation. J Neuropathol Exp Neurol.1996; 55(3): 320-8.
39. Rozisky JR, Dantas G, Adachi LS, Alves VS, Ferreira MB, Sarkis JJ, et al. Long-term effect of morphine administration in young rats on the analgesic opioid response in adult life. Int J Dev Neurosci.2008; 26(6): 561-5.
40. Yegutkin GG. Kinetic analysis of enzymatic hydrolysis of ATP in human and rat blood serum. Biochemistry (Mosc).1997; 62(6): 619-22.
41. Chan KM, Delfert D, Junger KD. A direct colorimetric assay for Ca2+ -stimulated ATPase activity. Anal Biochem.1986; 157(2): 375-80.
42. Bradford MM. A rapid and sensitive method for the quantitation of microgram quantities of protein utilizing the principle of protein-dye binding. Anal Biochem.1976; 72: 248-54.
43. Marsh DF, Hatch DJ, Fitzgerald M. Opioid systems and the newborn. Br J Anaesth.1997; 79(6): 787-95.
44. Rahman W, Dashwood MR, Fitzgerald M, Aynsley-Green A, Dickenson AH. Postnatal development of multiple opioid receptors in the spinal cord and development of spinal morphine analgesia. Brain Res Dev Brain Res.1998; 108(1-2): 239-54.
45. Beland B, Fitzgerald M. Mu- and delta-opioid receptors are downregulated in the largest diameter primary sensory neurons during postnatal development in rats. Pain.2001; 90(1-2): 143-50.
46. Vaccarino AL, Kastin AJ. Endogenous opiates: 2000. Peptides.2001; 22(12): 2257-328.
47. van Ree JM, Gerrits MA, Vanderschuren LJ. Opioids, reward and addiction: An encounter of biology, psychology, and medicine. Pharmacol Rev.1999; 51(2): 341-96.
48. Nagy AK. Ecto-ATPases of the nervous system. In: Plesner L, Kirley TL, Knowles AF, editors. Ecto-ATPases: Recent progress in structure and function. New York: Plenum;1997. p. 1-13.
49. Zimmermann H. Ecto-nucleotidases: Purinergic and pyrimidergic signaling. In: Abbrachio, M.P., Williams, M. (eds). New York: B.H. Springer;2001. p. 209-250.
50. Zimmermann H. Ectonucleotidases in the nervous system. Novartis Found Symp.2006; 276: 113-28; discussion 128-30, 233-7, 275-81.
51. Enjyoji K, Sévigny J, Lin Y, Frenette PS, Christie PD, Esch JS 2nd, et al. Targeted disruption of cd39/ATP diphosphohydrolase results in disordered hemostasis and thromboregulation. Nat Med.1999; 5(9): 1010-7.
52. Yegutkin G, Bodin P, Burnstock G. Effect of shear stress on the release of soluble ecto-enzymes ATPase and 5'-nucleotidase along with endogenous ATP from vascular endothelial cells. Br J Pharmacol.2000; 129(5): 921-6.
53. Zimmermann H. Nucleotide signaling in nervous system development. Pflugers Arch.2006; 452(5): 573-88.
54. Abbracchio MP, Burnstock G. Purinoceptors: are there families of P2X and P2Y purinoceptors? Pharmacol Ther.1994;64(3): 445-75.
55. Ralevic V, Burnstock G. Receptors for purines and pyrimidines. Pharmacol Rev.1998; 50(3): 413-92.
56. Bland-Ward PA, Humphrey PP. Acute nociception mediated by hindpaw P2X receptor activation in the rat. Br J Pharmacol.1997;122(2):365-71.
5754. Ruan HZ, Burnstock G. Localisation of P2Y1 and P2Y4 receptors in dorsal root, nodose and trigeminal ganglia of the rat. Histochem Cell Biol. 2003; 120(5): 415-26.
58. Burnstock G. Purinergic signalling. Br J Pharmacol.2006; 147 Suppl 1: S172-81.
59. Malin SA, Molliver DC. Gi- and Gq-coupled ADP (P2Y) receptors act in opposition to modulate nociceptive signaling and inflammatory pain behavior. Mol Pain.2010; 6: 21.

60. Schroeder JE, Fischbach PS, Zheng D, McCleskey EW. Activation of mu opioid receptors inhibits transient high- and low-threshold Ca2+ currents, but spares a sustained current. Neuron.1991; 6(1): 13-20.

61. Ebersberger A, Portz S, Meissner W, Schaible HG, Richter F. Effects of N-, P/Q- and L-type calcium channel blockers on nociceptive neurones of the trigeminal nucleus with input from the dura. Cephalalgia.2004; 24(4): 250-61.

HCPA - HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE
Grupo de Pesquisa e Pós-Graduação
COMISSÃO CIENTÍFICA E COMISSÃO DE PESQUISA E ÉTICA EM SAÚDE

A Comissão Científica e a Comissão de Pesquisa e Ética em Saúde, que é reconhecida pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP)/MS como Comitê de Ética em Pesquisa do HCPA e pelo Office For Human Research Protections (OHRP)/USDHHS, como Institucional Review Board (IRB0000921) analisaram o projeto:

Projeto: 08-345

Pesquisadores:
IRACI LUCENA DA SILVA TORRES
WOLNEI CAUMO
JOANNA RIPOLL ROZISKY

Título: TRATAMENTO REPETIDO COM MORFINA DURANTE O PERÍODO NEONATAL: IMPACTO SOBRE SISTEMAS DE NEUROTRANSMISSÃO E AVALIAÇÃO DE PARÂMETROS NOCICEPTIVOS E COMPORTAMENTAIS

Este projeto foi Aprovado em seus aspectos éticos e metodológicos, de acordo com as Diretrizes e Normas Internacionais e Nacionais, especialmente as Resoluções 196/96 e complementares do Conselho Nacional de Saúde. Toda e qualquer alteração do Projeto deverá ser comunicada ao CEP/HCPA.
Os membros do CEP/HCPA não participaram do processo de avaliação dos projetos onde constam como pesquisadores.

Porto Alegre, 19 de agosto de 2008.

Profª Nadine Clausell
Coordenadora do GPPG e CEP-HCPA

Journal of Pharmacological Sciences

Published by The Japanese Pharmacological Society

Instructions for Authors (September 2009)

Notice to Contributors (Effective from September 2009)

Journal of Pharmacological Sciences (*J Pharmacol Sci*) is an **international journal** intended for the advancement of pharmacological sciences in the world. The *Journal* welcomes submissions in all fields of experimental and clinical pharmacology, including neuroscience, and biochemical, cellular, and molecular pharmacology of the 17 subject categories described below, for publication as **Reviews**, **Full Papers**, or **Short Communications**. All papers are subjected to **peer-review**. Manuscripts will be published within 2 – 3 months after their acceptance.

Submissions that have been published or accepted, or are under consideration for publication, with essentially the same content, will not be considered. This restriction does not apply to results published as an abstract, letters to editors, or as submissions for symposia, provided that the submission adds significantly to the information available in the previously published submission.

Conflict of Interest (COI) must be considered to prevent ambiguity about financial and personal relationships that might bias the submitted work. At manuscript submission, authors must clearly state in detail in the cover letter whether potential conflicts do or do not exist. For a general description of the conception of COI, please refer to the "II.D. Conflict of Interest" section in the "*Uniform Requirements for Manuscripts Submitted to Biomedical Journals*" (http://www.icmje.org/index.html).

Manuscripts that reveal a lack of proper, ethical consideration for experimental animals or human subjects will not be accepted for publication. The *Journal* endorses the "*Guiding Principles for the Care and Use of Laboratory Animals*" approved by The Japanese Pharmacological Society and the "*Recommendations from the Declaration of Helsinki*". All ethical conditions must be indicated in the

manuscript; e.g., the procedures followed were in accordance with institutional guidelines; the study was approved by a relevant ethical review committee (for experiments using human subjects, a certificate of approval must be also provided at the manuscript submission); the human subjects gave their informed consent; etc.

Authors are requested **to select one or two** (in their order of priority) **of the following subject categories** to which the manuscript applies. For any study employing natural medicine materials (NMM) (the details for NMM are described later in the last paragraph of section 5. General Instructions), be sure to include category No. 19 in your selection:

1. Biogenic active substances
2. Receptors/Channels/Transport systems
3. Intracellular signaling
4. Biochemical pharmacology
5. Peripheral nervous system pharmacology
6. Cardiovascular pharmacology/Hematology
7. Central nervous system pharmacology
8. Respiratory pharmacology
9. Renal pharmacology
10. Gastrointestinal pharmacology
11. Smooth muscle pharmacology
12. Bone and dental pharmacology
13. Endocrine pharmacology
14. Clinical pharmacology
15. Immunopharmacology/Inflammation
16. Chemotherapy
17. Toxicology

---

19. Natural medicine materials with significant biological activities

Authors are required **to suggest four reviewers** who would be the most pertinent to review the submitted paper. Authors may also indicate up to three reviewers that they would like excluded from the review process. The ultimate selection of such reviewers is at the sole discretion of the editor.

Preparation of Manuscripts

Papers should be in **standard English** and be prepared in A4 (210 mm × 297 mm) page size, using standard fonts with size of 11 or 12, with double-spacing, and margins of at least 25 mm all around (desirably, 25 lines per page). The authors must strictly adhere to the proper format of the *Journal* for all sections of the manuscript; refer to papers in recent issues for the general layout of the paper and also for details. For authors whose native language is not English, the *Journal* strongly recommends brushing up the English of the manuscript by consulting an English-speaking scientist before submission to avoid delays in receiving and processing of the manuscript.

1. Full Papers

1) Title page – should include the complete title of the manuscript; full names of all authors; their affiliations and addresses; a running title of no more than 40 characters (including spaces); and the name and E-mail address of the corresponding author.

2) Abstract and keywords – 200 words presented in a concise form and including the purpose, general methods, findings, and conclusions of the research described in the paper. A list of 5 keywords or short phrases suitable for indexing should be typed at the bottom of the abstract page. Avoid vague or overly general terms. If necessary, the keywords will be adjusted to the standards of the *Journal* by the editors without consulting the authors.

3) Introduction – should give a short and clear statement of the relevant background and the rationale of the study.

4) Materials and Methods – should include explicit, concise descriptions of all new methods or procedures employed. Commonly used methods require only a citation of the original source. The description should be such that the reader can judge the accuracy, reproducibility, reliability, etc. of the work.

5) Results – should include experimental data but not extended discussions of its relative significance. Results are more easily grasped by readers if they are presented in graphic or tabular form rather than discursively. Data should not be repeated in the text, Tables, and Figures.

6) Discussion – should be pertinent to the results. Speculation is to be based on data only; be concise and clear. Lengthy discussions will necessarily mean a delay in accepting manuscripts for publication. The text should be written with a logical connection between the introduction and conclusions.

7) References – should be cited in the text by number, in parentheses, in line with the text; the full reference is cited in a numbered list at the end of the paper. The

reference list should be prepared with the authors' names (list all authors if six or less; otherwise, list the first six followed by et al.), full title of paper, journal, year of publication, volume, and initial and final pages.

e.g., Tomimoto S, Ojika T, Shintani N, Hashimoto H, Hamagami K, Ikeda K, et al. Markedly reduced white adipose tissue and increased insulin sensitivity in *Adcyap1*-deficient mice. J Pharmacol Sci. 2008;107:41–48.

References to books should include the authors' names, title of article, editors, title of book, edition, city where the publisher is located, publisher, year of publication, and initial and final pages of the cited article or section.

e.g., Margineanu DG, Klitgaard H. Levetiracetam: mechanisms of action. In: Levy RH, Mattson RH, Meldrum BS, Perucca E, editors. Antiepileptic drugs. 5th ed. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins; 2002. p. 419–427.

For formats of other published materials, please refer to the Vancouver style (see the "References" section in the *"Uniform Requirements for Manuscripts Submitted to Biomedical Journals"* http://www.icmje.org/index.html).

Papers are not to be cited as "in press" unless they have already been accepted for publication. In such cases, state the name of the journal and provide the accepted manuscript as supplemental material.

Figures and Tables – should be numbered consecutively with Arabic numerals, with each one displayed on a separate page. These usually will be reduced to fit a single column, 8.3-cm-wide, or at most, a double column, maximally 17.6-cm-wide. Please refer to a current issue of this *Journal* for general patterns.

Any **color Figure** submitted by the authors will be processed with the understanding that upon acceptance of the manuscript, the Figure must be published in color both in the print and online versions with the cost of the reproduction being charged to the authors. In accord with this regulation, authors cannot change the publication condition of the Figure (i.e., from "color" to "monochrome" or vice-versa) after the manuscript is accepted for publication. If they are unable to pay or refuse to pay the color charge, the acceptance of the manuscript will be rescinded; that is, the manuscript will not be published.

Abbreviations and Units – While authors should avoid unfamiliar abbreviations, a limited number of clearly defined abbreviations may be used. Such abbreviations must be defined at the first mention in the text or defined in alphabetical order in a footnote on the first page. When in doubt, avoid unfamiliar abbreviations. For units,

the *Journal* recommends the use of the International System of Units (SI Units). It is desirable to refer to standard abbreviations and units listed in the Instructions to Authors of the *Journal of Biological Chemistry* (http://www.jbc.org/misc/ifora.shtml).

Drugs – Generic names should be used in the text, Figures, and Tables.